

# A surpreendente interação do rato com o homem

Arary da Cruz Tiriba<sup>1</sup>

Leptospirose na capital paulista em 2008: 166 casos, 31 óbitos, letalidade 18,67%.<sup>1</sup>

Algumas observações da interação. Acredite se quiser.

Os doentes. Paralíticos e/ou hansenianos, mordidos por ratos que não enfrentam reação da vítima.

O bebê. Adormecido, mamadeira ao lado. Choro não afugenta o rato voraz. Orelha, nariz ou “pipiu” são saboreados.

O oleiro. Amassa o barro, guiando carroça em círculos. Após coice e escoriações no tórax: leptospirose.

A solteirona. Assenta-se no vaso de onde emerge o ratão encharcado. O *voyeur* escapa da latrina, refugia-se na moradia. Segue-se safári infrutífero.

O porteiro. Uniforme de hotel cinco estrelas, encarregado do café da madrugada para os trabalhadores noturnos. Abre o guarda-louça, escapa a rataria! O pós-desjejum, café com urina de rato, culmina em leptospirose (via digestiva).

O granjeiro. Mão no saco da ração. Ferrada de roedor.

O pedreiro. Desentope o condutor pluvial; rato furioso sai da tubulação, crava-lhe os dentes.

A costureira. Pedala a Singer. Em pleno dia, o roedor morde-lhe o pé e investe contra outras arrematantes da oficina.

A excêntrica. Criou camundongos brancos; carregou-os no pescoço, o colar animado. Rebanho extinto pela morte da criadora (por leptospirose).

O presidiário. Seu passatempo: alimentar ratos na cela; até a internação pela enfermidade.

O carcereiro. Hospitalizado por leptospirose. Em tom ultra-confidencial, relata: “presidiário violento atirado à solitária; ao escurecer, clama por socorro, não atendido. Da noite pro dia, ratazanas devoraram-no em vida, até as vísceras”.

A Avenida. Na região da Paulista, sobras das lanchonetes dando sopa. Ratos obesos. Não raro, aparição na sala de trabalho. Por vezes sobem nos edifícios.

O túnel do Metrô. Roedores roem tubulações e fiações; a empresa executa dinâmica antirratização.

O “litoral pauliceico”. Enchentes. Embora nadadores, os ratos buscam refúgio na habitação. Do confronto ratazana *versus* morador, lesões nos contendores.

O nome do marido. À noite, esposa retorna do trabalho. Dentro da casa, a ratazana. De vassoura, combate o roedor que

se refugia sob as cobertas do cônjuge. “Acorda marido! Um rato!” “Mulher, não é hora de brincar, deixa Ratão dormir”. Mão da mulher penetrando sob as cobertas, *tcham-tcham-tcham...* hora e vez do focinhudo: mordedura com trava. (Ratão, o apêlido do marido).

No restaurante. Almoço de paulistano interrompido; sentado à mesa, rato sobe-lhe por dentro da calça até o joelho.

*Rat qui n'a qu'un trou est pour le matou.* Rato com um buraco só é pro gato? Nem sempre verdadeiro o provérbio de Auvergne. Felino bem alimentado, criado com demasiado carinho, quando muito caça ratinho – ou com ele brinca –, mas não ousa lutar contra a ratazana adulta, no que é especialista o cão vira-lata e rateiro.

Se o leitor não acreditou na primeira parte provavelmente duvidará da seguinte.

No passado, rato, o responsável pela peste; na modernidade, pela leptospirose. *Lepto*, do grego, delgado, *spira*, espira; bactéria fusiforme eliminada pela urina não apenas do rato. Boi, cachorro, porco, cavalo, cabra, carneiro, coelho, cobaia, *hamster*; grande número de vertebrados integra a cadeia de transmissores. Mas a fama de vilão recai no universal murídeo que tem por inquilina a leptospirose – *top model* sinuosa e de meneios –, frequentadora assídua do *quartier vivant* das tubulações renais do ator da noite avançada.

Quando os recursos de laboratório eram limitados, renomados cientistas confundiram leptospirose com febre amarela, em razão dos sintomas e da icterícia. A leptospirose não se distinguia da “icterícia catarral”, denominação primitiva da hepatite por vírus. O alemão Adolph Weil foi descritor da leptospirose icterohemorrágica. Daí a “doença de Weil” associada aos trabalhadores em canais, redes de esgoto, arrozais, canaviais, olarias, galpões de pescado, açougues, sedes de concentração da ratazana. O operário desses sítios era a vítima de eleição.

O trabalhador passou a utilizar-se de indumentária protetora, luvas e coturnos impermeáveis; a ratazana passou a ser combatida nos locais dessas atividades. A ligação com a profissão deixou de ser a tônica. Diagnóstico de leptospirose já foi confirmado em praticante de triatlo. Canoagem, *kayaking*, *wading*, *rafting*, *trekking*, desenroladas em rios, lagos, corredeiras,

<sup>1</sup> Médico, livre-docente, professor titular da Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo (Unifesp-EPM) (aposentado, em atuação voluntária).

gargantas e cachoeiras, ambientes de características primitivas exporiam, também, às fontes de infecção constituídas por animais silvestres.

A urbanização levou à alteração radical da transmissão. A extensa pavimentação asfáltica impermeabilizou o solo. Desde então, ocorrem inundações causadas pelas precipitações pluviiais, ocasiões ideais para a ação terrorística do roedor; por-verso, o habitante das galerias subterrâneas conluiado à locatária, a leptospira! Arma: a emissão urinária. Alvo: o passante comum.

A infecção é contraída: 1. queda acidental das pontes improvisadas para a travessia das águas; 2. imersão voluntária para recuperação dos bens arrastados pelo *tsunami* (de água doce do céu); 3. mergulhos recreativos da criançada na piscina “temporal”, facilitadores da penetração do agente patogênico pelo nariz, atalho para a meningite leptospirótica; 4. ferimentos escancarando a porta de entrada para a infecção; 5. tempo prolongado de exposição, levando à maceração e à vulnerabilidade da pele; 6. extensão da superfície corporal exposta (mucosas de olhos, boca, genitais, também vias de penetração); 7. presença no peridomicílio de animais domésticos que expandem o leque da transmissão; 8. invasão da habitação pelo roedor, assustado e agressivo, sobretudo da fêmea grávida em vias da parição; 9. mordeduras, frequentes à época, causando, além da leptos-

pirose, outras tantas infecções não menos graves e 10. com a palavra, o infectologista.

No pódio, o roedor sorrateiro; por patrocinadora, a leptospirose...

## INFORMAÇÕES

Endereço para correspondência:  
Rua Cayowaá, 969 – Vila Pompéia  
São Paulo (SP) – CEP 05018-001  
Tel. (11) 3862-4411  
Fax. (11) 3872-2307  
E-mail: atiriba@terra.com.br

Fontes de fomento: nenhuma

Conflito de interesse: nenhum

## REFERÊNCIA

1. Centro de Vigilância Epidemiológica "Prof. Alexandre Vranjac". Leptospirose. Casos notificados e confirmados, coef. inc., óbitos, letalidade segundo GVE de residência, estado de São Paulo, 2008. SINANNET - Divisão de Zoonoses/CVE/CCD/SES-SP. Disponível em: [http://www.cve.saude.sp.gov.br/htm/zoo/LEPT008\\_GVERES.htm](http://www.cve.saude.sp.gov.br/htm/zoo/LEPT008_GVERES.htm). Acessado em 2009 (31 mar).

Data de entrada: 31/1/2008

Data da última modificação: 25/3/2009

Data de aceitação: 31/3/2009